

Sonetos Completos

Antero de Quental

Download now

Read Online ➔

Sonetos Completos

Antero de Quental

Sonetos Completos Antero de Quental
(Grandes Clássicos da Poesia)

Sonetos Completos Details

Date : Published 1998 by Publicacoes Europa-America (first published 1886)

ISBN : 9789721044210

Author : Antero de Quental

Format : Paperback

Genre : Poetry, European Literature, Portuguese Literature, Classics

 [Download Sonetos Completos ...pdf](#)

 [Read Online Sonetos Completos ...pdf](#)

Download and Read Free Online Sonetos Completos Antero de Quental

From Reader Review Sonetos Completos for online ebook

Luís C. says

Antero de Quental guided his whole philosophy by the influences of the socialistic ideals of the nineteenth century in which he lived well with positivism, of which the French sociologist Auguste Comte is a fine example.

This is how the socialist idea begins to exist and often prevails in our contemporary history.

Where it is pointed out that Antero was rich, one more who had dedicated himself to teaching in Coimbra and instead of dedicating himself to sedentarization, was a typographer in Portugal and France. His poetry, especially sonnets, or his philosophy, is about the man, his neighbor, his brother (**he was one of the founders of the Portuguese PS «political party» in 1870 and we can not fail to mention this**).

The book as a whole consists of eight cycles:

1.First Cycle - (From love-passion)

2.Second Cycle - (From the social-apostolate)

3.Third Cycle - (From the pessimistic feeling)

4.Fourth Cycle - (From the desire for evasion)

5.Fifth Cycle - (From Death)

6.Sexy Cycle - (From the thought of God)

7.Seventh Cycle - (From Metaphysics)

8.Eighth Cycle - (From the "inner voice" and "pure, everlasting love")

Vasco Ribeiro says

Este livro tem prefácio de Oliveira martins. Como nesse prefácio não diz que antero tenha morrido, das duas uma - ou foi acoplado mais tarde a um livro de obras completas - ou se isto originalmente era um livro completo então são obras completas antes que a vida do autor acabasse o que não faz sentido.

Após o prefácio há 5 poemas que não são sonetos: Os cativos; Os vencidos; Entre sombras; Hino da manhã; A fada negra.

E depois sonetos divididos por períodos: 1860-1862 (20), 1862-1866 (28), 1866-1874 (9), 1874-1880 (21, 1880-1884 (15).

Não me ficaram especialmente, só me atraindo mais "o palácio da ventura", admito que se calhar por me ser mais familiar. e até mais pelo reconhecimento.

Alex Mendes says

Soneta-me... cabe cá tudo!

Rafael Oliveira says

*Assim a vida passa vagarosa:
O presente, a aspirar sempre ao futuro:
O futuro, uma sombra mentirosa.*

Antero de Quental dá-nos a possibilidade de gozar da filosofia pessimista de Schopenhauer pelas palavras de um poeta.

Ao longo dos sonetos é até possível reparar numa relação amor-ódio estabelecida entre Quental e a natureza: Quental admite a vil forma como a natureza nos rege a todos e, ainda assim, não consegue deixar de a venerar.

Cláudia says

"Nenhum de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredo,
Nenhum adivinhou o meu segredo,
Nenhum interpretou a minha prece..."

Ninguém sabe quem sou... e mais, parece
Que há dez mil anos já, neste degredo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do húmus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pai nem mãe...

Misto infeliz de Trevas e de brilho,
Sou talvez Satanás; - talvez um filho
Bastardo de Jeová; - talvez ninguém!"

If says

9/10

Adriana Scarpin says

Por pouco não desisti desse livro, ele já começa com um prefácio escrito por um macho chato do caralho que é melhor nem comentar, para em seguida adentrar nos primórdios da poesia de Quental que basicamente consistia em sonetos de um fanático religioso. Sem saber se aquilo duraria por todo o livro, olhei mais adiante para sabê-lo e felizmente havia sonetos muito bons conforme o autor ia amadurecendo. Portanto, por

mais insuportável que esse livro pareça num primeiro olhar, persevere, porque conseguimos adentrar uma saraiva de belos poemas.

Sérgio says

Permitindo a poesia lírica uma multiplicidade de expressões variáveis, ao sabor dos sentimentos, pensamentos e influências exteriores, aconselho os leitores a seguir o mestre Camões e a lerem a obra para as descobrir porque “melhor é experimentá-lo do que julgá-lo” (*Os Lusíadas*, canto IX). Limitar-me-ei, assim, a fazer o enquadramento da obra e a apontar as principais tendências da expressividade poética de Quental.

A classificação formal da poesia remonta a Aristóteles, que a dividiu, na *Poética*, em três categorias: épica, dramática e lírica. A épica consiste num texto narrativo em verso, cujas origens remontam ao *Épico de Gilgameš* bem como à *Ilíada* e *Odisseia*. O género dramático está ligado ao teatro em verso, utilizado nas tragédias gregas como a *Oresteia* ou *Rei Édipo* bem como na maior parte das peças de Shakespeare. A lírica prende-se com a expressão dos sentimentos e emoções pessoais. Neste sentido, o soneto é uma das fórmulas dessa expressão em verso, com origem na Itália medieval, sendo Petrarca, embora não o criador, o responsável pelo refinamento da sua estrutura num conjunto de duas quadras seguidas de dois tercetos. Sá de Miranda introduziu o soneto no panorama lírico português, e Camões aprimorou-o. É este o contexto formal onde se inserem os *Sonetos Completos*, assumindo o próprio Antero de Quental a “influência dos nossos poetas do século XVI [...] especialmente os [poemas] de Camões, tornaram-se para mim como um Evangelho do sentimento” (carta a Carolina Michaëlis de 7/8/1885).

Os *Sonetos Completos* foram publicados em 1886 reunindo as poesias de Antero dispersas por dois livros, *Odes Modernas* e *Primaveras Românticas*, vários jornais e outra tanta correspondência privada. A abrir a obra, um prefácio de Oliveira Martins, amigo íntimo do autor, que nos traça uma genealogia do pensamento anteriano, fundamentando o rigor de reflexão e as suas preocupações sociais com as influências de Michelet, o grande historiador francês cuja visão suplantava precocemente o positivismo, Lamartine, o instrutor da Segunda República Francesa, e Proudhon, o filósofo anarquista preocupado com as questões sociais. Oliveira Martins conceptualiza ainda Antero como um idealista cuja visão acutilante lhe permitia estar mais atento ao sofrimento e à desgraça humanas, refutando o rótulo de um poeta do lúgubre e do desânimo, que vinha sendo aplicado ao amigo. Seguem-se cinco poemas, que Eduardo Lourenço classifica como “os grandes poemas agónicos” (*A Noite Intacta*, p.78), produzidos em momentos de desespero interior, incluídos por Martins após o prefácio dado possuir as únicas cópias dos originais, destruídos por Quental.

A obra contém cento e nove sonetos divididos cronologicamente, segundo indicação do autor, em seis períodos: 1860-62, 1862-66, 1864-74, 1874-80, 1880-84. Com esta divisão, Antero pretendia que o livro funcionasse como uma autobiografia, indicativa da sua evolução, não só sentimental, sobretudo intelectual e espiritual. Deste modo, partimos de inspirações do movimento romântico para uma posterior ruptura e adesão definitiva ao realismo, indo beber a Baudelaire e, por interposta pessoa, a Edgar Allan Poe, a inspiração para a sua imagética tantas vezes fúnebre e pontualmente macabra. Pelo meio, denotamos uma progressiva preocupação com o social, com raízes no ingresso, após terminar o curso de Direito, em Coimbra (1866), na Imprensa Nacional, como tipógrafo, e na sua estadia em Paris, onde toma contacto com o proletariado local. É relevante o seu papel de polemista na Questão Coimbrã (1865), contra António Feliciano de Castilho e os ultrarrromânticos, acusando-lhes a vacuidade de conteúdo revestida pela forma exacerbada dos cânones românticos. Bem assim, a sua posição cimeira nas conferências do Casino Lisbonense (1871) que introduziram o realismo como novo movimento artístico em Portugal e consagraram a Geração de 70. Todas estas questões da sua vida política e artística influíram na lírica que compôs,

denotando-se nos sonetos dos respectivos períodos temporais.

Todavia, coexistindo com estas múltiplas influências está, talvez, o tema central de toda a lírica anteriana, a metafísica, as suas dúvidas e angústias na constante demanda pelo sentido da vida e a sua relação conflituosa com Deus, ou a ideia do divino, que poderá justificar essa mesma vida. Debatendo-se entre a crise de fé, provocada pela pungente consciência das injustiças no mundo, e a descrença angustiante do vazio da existência, Antero encontra sentido no vácuo ao descobrir o budismo zen. Tema de muitos dos seus sonetos finais, o zen permitiu a Quental libertar-se do medo da morte e do absurdo do vácuo, o vazio deixa de ser o zero absoluto para poder ser o todo possível, a vida é nada, logo pode ser tudo. Só nos despojando de todos os medos, angústias e bagagem supérflua nos podemos aperceber que o verdadeiro sentido da vida é deixa-la fluir, devemos ser como a água, que a tudo se adapta, e a tudo preenche sempre sem perder a consistência, isto é, mantendo a firme consciência de nós mesmos e do mundo senciente.

Doutor Branco says

Um grande poeta, um grande livro!

Cláudia says

Esta edição tem prós e contras: é de louvar que o Expresso tenha seguido a edição publicada em 1886 por J. P. Oliveira. No entanto, decidiram inovar e as separações dos poemas não são facilmente visíveis, estando marcadas no canto inferior direito das páginas. Para além disso, existem alguns erros ortográficos bastante surpreendentes (sorrio em vez de sorriu).

A importância de estar bem marcada a fragmentação dos poemas deve-se ao facto de cada segmento pertencer a uma característica do sujeito. O primeiro, "1860-1862" revela-nos a alma sensível, a preocupação metafísica e os assomos de tristeza que o preenchem. O segundo, "1862-1866" afoga-nos numa onda de desolação, num cenário de silêncio e escuridão e vemos os traços filosóficos do sujeito. No terceiro, "1864-1874" encontramos um sujeito que observa os heróis, mas nunca é o herói. O quarto, "1874-1880" apresenta-nos um sujeito em deslocação, com a ideia de que a morte é libertadora e só isso o pode salvar. No último, "1880-1884", temos de destacar o último poema, "Na mão de Deus", uma obra prima que nos discursa a morte. Deus é uma entidade acolhedora, que leva o sujeito a compreender que o repouso só é possível quando o cavaleiro se despoja de todos os elementos negativos e positivos.

Antero desejou que os sonetos fossem como uma autobiografia e é por isso que são apresentados por ordem cronológica.

Agostinho Barros says

O livro vem retratar por períodos a fase poética de Antero de Quental, o poeta da desgraça e exaltação do mórbido, do obscuro. Nesta narrativa à uma denuncia visível à alma sensível, uma preocupação metafísica e dúvida teológica na qual vemos um homem cativo pelas próprias leis do universo. Sendo um poeta da desgraça retrata a tristeza e desgraça humana, as lutas infantis por bens menores e uma dúvida para com a verosimilhança de Deus, será que existe? Não obedecendo a correntes literárias, nem à métrica silábica e de rimas, o ator opta mais frequentemente pelo uso da rima emparelhadas e interpolada, optando por vezes pelo uso da rima cruzada e verso nulo. Apesar da obscuridade e da desgraça humana, há uma valorização da luz

em contraste com a escuridão, no qual a luz é fonte de salvação e não Deus (visto não seguir nenhuma religião e por vezes ser associado ao budismo e não ao cristianismo). A narrativa em muitos dos sonetos decorrem em terreno fantasmagórico e transcendente, ou seja, passa do meio terreno para o meio espiritual e divino, normalmente de forma irônica e de desprezo.

"O absoluto é o nada. O Universo, a realidade inteira".
